

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CASA
11 e 28 de Maio de 2026

REMEMBER MY NAME / 1978
(Recorda o Meu Nome)

Um filme de Alan Rudolph

Realização e Argumento: Alan Rudolph / Direcção de Fotografia: Tak Fujimoto / Guarda-Roupa: J. Allen Highfill / Música: Kenneth Wannberg / Canções: Alberta Hunter / Som: Bob Gravenor e Chris McLaughlin / Montagem: William A. Sawyer e Thomas Walls / Interpretação: Geraldine Chaplin (Emily), Anthony Perkins (Neil Curry), Berry Berenson (Barbara Curry), Moses Gunn (Pike), Jeff Goldblum (Mr. Nudd), Alfre Woodard (Rita), Tim Thomerson (Jeff), Dennis Franz (Franks), Marilyn Coleman (Teresa), Jeff Perry (Harry), Alan Autry (Rusty), etc.

Produção: Lion's Gate, para a Columbia / Produtor: Robert Altman / Cópia 35mm, colorida, falada em inglês com legendas em sueco e legendagem eletrónica em português / Duração: 94 minutos / Estreia em Portugal: Quarteto, a 14 de Março de 1980.

Remember My Name não foi o primeiro filme de Alan Rudolph, que se tinha estreado no princípio da década com dois filmes de terror de linha muito “exploitation” (será curioso procurar descobri-los: chamam-se **Premonition** e **Terror Circus**), mas corresponde ao período do seu arranque como “autor” para um percurso que teve o seu auge durante a década de 1980 – filmes como **Choose Me** ou **Trouble in Mind**, belos sucessos “alternativos” também cá em Portugal, onde fizeram muitas semanas de exibição no Quarteto (que também foi o cinema que estreou o filme que vamos ver, em 1980: Rudolph, de certa forma, era um típico “cineasta do Quarteto”, expressão que qualquer espectador veterano intuitivamente entenderá). O momento decisivo foi a associação de Rudolph com Robert Altman, como assistente de realização (em **The Long Goodbye**, em **Nashville**, talvez os dois maiores filmes de Altman) mas por vezes mais do que só isso (foi co-argumentista de **Buffalo Bill and the Indians**). Altman tinha evidente estima pelo seu assistente, já lhe produzira, em 1976, **Welcome to L.A.** (já com Geraldine Chaplin e um actor bem altmaniano, Keith Carradine), e **Remember My Name** nasceu também da possibilidade criada por ele. Como contou Rudolph, Altman virou-se para ele e disse “olha, acho que dá para produzir qualquer coisa; tens algum argumento pronto a filmar?”. Rudolph não tinha, mas disse que sim na mesma, e depois escreveu o argumento em duas semanas. Mais do que **Welcome to L.A.** (outro filme que valeria descobrir, até por ser uma variação sobre o **La Ronde** de Max Ophüls), **Remember My Name** pôs Rudolph no radar (como agora se diz) da mais exigente crítica americana. “*The most exciting Hollywood fantasy to come along in quite some time*”, escreveu Jonathan Rosenbaum numa crítica da época.

O filme abunda em sinais de uma emanção do universo altmaniano, o que, aliás, não é defeito nenhum. A câmara com propensão para o travelling lateral, ou para panorâmica de 360°, por exemplo, e o modo como isso materializa uma disposição narrativa que começa por tender para a divagação e depois se vai concentrando; ou a ideia, associada a esta, da construção de um complexo espacial em que todos estão ligados – e aí até há um “leit-motiv”, aquelas notícias na televisão que em vários momentos (e vários sítios) vão dando conta de um terrível terramoto em Budapeste (é tão convincente que um espectador até fica intrigado mas não, não houve nenhum terramoto na teluricamente pacífica Budapeste, mas talvez Rudolph se tenha inspirado num tremor de terra bastante destrutivo sucedido, pouco antes, em Skopje, na então Jugoslávia).

Na sua crítica, como bom “rivettiano”, Rosenbaum reconhecia logo o que no filme o fazia lembrar o cineasta francês, da “indefinição narrativa” ao recorte da personagem feminina central (associando até, e bem associado é, Geraldine Chaplin a Bulle Ogier, pela leveza física a contrastar com uma profundidade psicológica insondável). Apesar dos avisos contidos na canção que abre o filme – na voz da “blueswoman” Alberta Hunter, que já tinha mais de oitenta anos estava então a regressar ao activo depois de um interregno de décadas – ninguém apreende imediatamente a personagem de Geraldine como uma personagem “perigosa”, apenas um pouco excêntrica e incerta, nem ninguém se apercebe logo de que ela vem numa missão de “vingança” contra o ex-marido e a nova mulher dele. Hoje, dir-se-ia que é um retrato de uma “stalker”, que de facto é o que Geraldine é, mas é um retrato que, com muita ironia e muita distância cuidadosamente calculadas, está sempre próximo dela, com o máximo de cumplicidade possível (ou seja: exclui a misoginia, que depois viria em força nalguns célebres filmes dos anos 80, pensamos no **Fatal Attraction** de Adrian Lyne, que têm pontos de contacto com esta história, mas onde o homem é infiel no matrimónio mas o problema é a amante ser “tresloucada”).

Nesse sentido, o “casting” de Anthony Perkins para o papel do marido é genial, porque Perkins carrega o fantasma de Norman Bates e do **Psycho** faça o que faça e vá onde vá, e aqui, nesta personagem (cuja profissão é a de empreiteiro, ou seja, faz casas), é ele o “stalkado”, é ele quem vê o espaço íntimo ser cercado e espiolhado (e uma palavra para a personagem mais infeliz de todas, a pobre Barbara que é a única que não tem culpa nenhuma e é a mais maltratada: é também genial que Berry Berenson formasse um casal na vida real com Perkins, e contou Rudolph que a ideia de a trazer para o papel e ter um casal autêntico a interpretar um casal ficcional partiu do próprio marido). Todas aquelas cenas de invasão doméstica, Geraldine e Berenson à jogarem às escondidas dentro da singeleza daquela casa tão pequena e tão “normal”, estão à beira de serem prodigiosas como um plano-sequência de “prestidigitação” criada puramente pela mise en scène. Rudolph, de resto, sempre assumiu que havia uma dimensão política mascarada dentro da história; os movimentos pelos direitos das mulheres ganhavam corpo e estatuto com o avançar dos anos 70, e ele pensou dar o seu contributo de forma o menos óbvia possível, recorrendo – e foi Rudolph que o disse assim – “aos filmes clássicos de Bette Davis, Barbara Stanwyck ou Joan Crawford”. Muitos desses filmes, sobretudo vários com Stanwyck, trabalhavam a partir da suspensão da moralidade comum do seu tempo; e de algum modo essa também é a posição, o ponto de partida e o ponto de chegada (que na sua estrutura circular *Remember my Name* dá de forma invertida: no primeiro plano Geraldine chega e, no último, exactamente no mesmo sítio e com o mesmo enquadramento, Geraldine parte) deste filme belo, divertido e insolente.

Luís Miguel Oliveira